

Relato Integrado: uma nova abordagem de comunicação

Adriana Casavechia Fragalli
adriana.fragalli@gmail.com

As questões de proteção ambiental e responsabilidade social vêm a tempos preocupando governos e sociedades. Os incidentes negativos que chamaram a atenção pública quanto às questões ambientais, de saúde, segurança e relações de emprego promoveram a evolução de relatórios não financeiros para o TBL (triple bottom line), ou seja, os relatórios empresariais passaram a englobar tanto questões sociais e ambientais como o aspecto econômico da empresa.

Com a maior atenção sendo dada aos assuntos não financeiros da organização, diversos modelos de relatórios foram desenvolvidos como, por exemplo, Global Report Initiative (GRI), Relatório Ibase e o Balanço Contábil das Nações (BCN).

Mesmo as empresas dando maior atenção a informações não financeiras, Carvalho afirma que as informações transmitidas pelos relatórios contábeis divergiam daquelas apresentadas nos relatórios de sustentabilidade. Segundo o autor, enquanto os relatórios de sustentabilidade traçavam um quadro extremamente róseo do desempenho da organização, os passivos exigíveis ou contingências, apontadas nos relatórios financeiros, demonstravam uma situação diferente.

Por esse motivo, em 2009, o Príncipe de Gales iniciou um movimento internacional, cujo objetivo era alinhar os vários relatórios corporativos já existentes. Esta iniciativa culminou na criação do International Integrated Reporting Council (IIRC) que reúne empresas, reguladores, investidores, normatizadores, ONGs, entidades contábeis e membros da academia; todos de diversas partes do mundo, com o objetivo de promover o Relato Integrado.

No dia 2 de agosto de 2010, o IIRC foi oficialmente instituído com a missão de criar uma estrutura que reúna informações financeiras, ambientais, sociais e de governança em um formato claro, conciso, consistente e comparável – em síntese, em um formato ‘integrado’. Após um extenso processo de desenvolvimento, no dia 09 de dezembro de 2013 foi publicada a primeira versão do Relato Integrado, intitulada The International Integrated Reporting Framework.

É importante ressaltar que o IIRC não é mais um regulador, da mesma forma que o Relato Integrado não é mais um relatório, pois os existentes já são suficientes. A ideia é integrar, de forma concisa, os relatórios que as empresas já vêm elaborando, de maneira a transmitir a mesma informação.

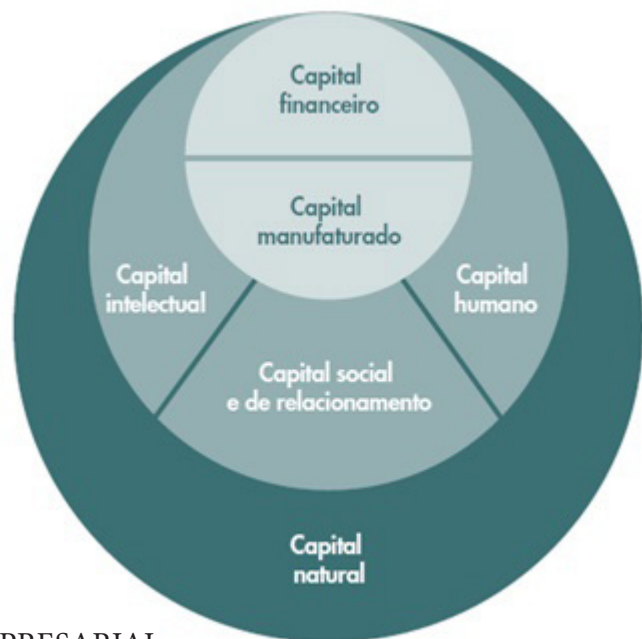
Portanto, o Relato Integrado consiste em um processo fundamentado no pensamento integrado que resulta em uma comunicação concisa sobre como a estratégia, a governança, o desempenho e as perspectivas de uma organização, no contexto do seu ambiente externo, resultam na criação de valor no curto, médio e longo prazo.

Conforme mencionam Carvalho e Kassai, enquanto os balanços procuram representar uma “foto” da empresa num determinado momento, o Relato Integrado deve representar um “vídeo” orientando à criação de valor ao longo do tempo, ou seja, como a empresa criou valor no passado e quais as variáveis críticas para que continue criando valor no futuro previsível.

É como se atualmente as empresas trabalhassem em silos, havendo basicamente uma comunicação vertical (hierárquica) entre os setores. O Relato Integrado propõe que essa comunicação passe a ocorrer também de forma horizontal, fazendo com que os diversos setores dentro da organização se comuniquem e relatem informações coesas entre si.

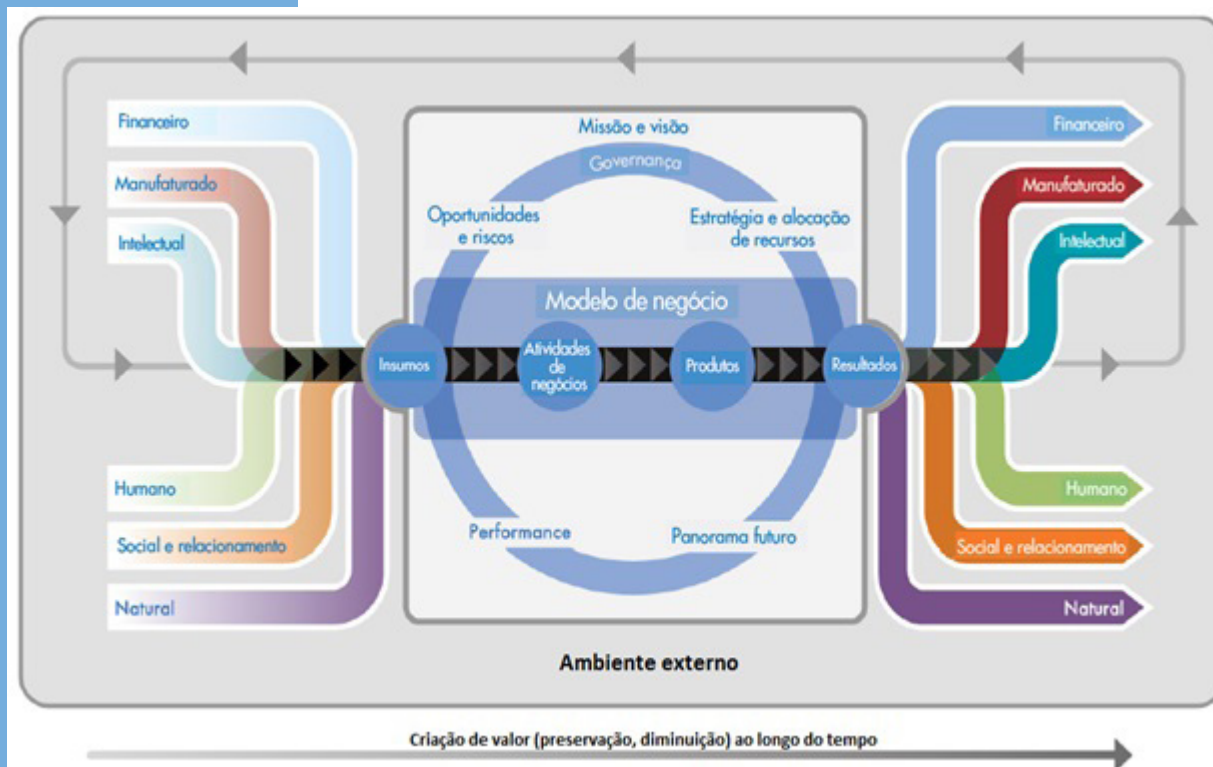
Inicialmente, o público-alvo de usuários do Relato Integrado são os fornecedores de capital financeiro, contudo as informações geradas beneficiarão todas as partes interessadas quanto à capacidade de uma organização criar valor no decorrer do tempo.

A primeira versão do Relato Integrado propõe que as empresas informem sobre seis aspectos relacionados à criação de valor, denominados “capitais”. Embora os capitais financeiros e de produtos manufaturados sejam normalmente reportados pelas organizações, o Relato Integrado propõe uma visão mais ampla, considerando também os capitais intelectuais, humanos e sociais e de relacionamentos; todos vinculados à atividade humana. Ele também captura o capital natural, que fornece o ambiente no qual todos os demais capitais se situam.



Segundo o Framework, os capitais são estoques de valor, aumentados, diminuídos ou transformados pelas atividades e resultados de uma organização. Por exemplo, o capital financeiro de uma empresa aumenta quando ela obtém lucro. No caso de investimentos em treinamento, o capital humano é aumentado, porém, nesta situação, o capital financeiro é diminuído, ou transformado em capital humano.

Além dos capitais, o Framework propõe que a empresa apresente o seu processo de criação de valor:



Percebe-se que o ambiente externo se refere ao contexto em que a organização opera, incluindo condições econômicas, mudanças tecnológicas, questões sociais e desafios ambientais. Neste contexto, a organização se utiliza dos capitais como sendo os insumos necessários que, pelas atividades de negócio, são transformados em produtos e resultados. A forma com que a empresa realiza suas atividades, orientada por seu modelo de negócio que, por sua vez, é norteado por sua missão e visão, governança, oportunidades e riscos, estratégias e alocação de recursos, desempenho, e panorama futuro, influencia diretamente como os capitais serão afetados.

O Framework também traz os princípios de orientação, que sustentam a preparação e a apresentação do Relatório Integrado, informando o conteúdo da informação e como esta deve ser apresentada. Por fim, a versão propõe oito elementos de conteúdo, que são apresentados no formato de questões, que devem ser respondidas na apresentação nas informações geradas pela empresa.

De acordo com o Framework, os seis capítulos e os oito elementos de conteúdos são uma proposta, ficando a critério de cada empresa expor os capítulos e responder às questões que lhe forem cabíveis, observando suas particularidades e características.

O interessante da proposta do Relato Integrado é que, por não ser mais um modelo de relatório, ele não determina exatamente como deve ser feito. Ele orienta sobre os aspectos relevantes que devem ser levados em consideração e, principalmente, estimula uma mudança cultural na empresa, passando de informações geradas isoladamente, para um processo de integração entre todos os setores da organização cujo resultado é: informações claras e concisas.

É difícil afirmar a aderência das empresas à esta proposta, contudo, é notável que a comunicação corporativa está tendo que se transformar em função das mudanças ocorridas na sociedade. Uma população cada vez mais exigente, um mercado cada vez mais competitivo e reguladores cada vez mais rigorosos, fazem com que as empresas necessitem se preocupar, além dos resultados econômicos, com sua responsabilidade social.